

## À PORTA DO CHUC

Vim acompanhar a minha mulher a uma consulta no *Centro Hospitalar da Universidade de Coimbra*. Sento-me num banco junto à entrada, pessoas entram e saem, algumas já bastante enfermas, bombeiros com macas transportam doentes, é um desfilar de macas empurradas pelos bombeiros, as pessoas estão em sofrimento, provavelmente, uma grande parte delas não sobreviverão muito mais tempo.

As expressões faciais das pessoas revelam os desafios quotidianos e as preocupações que enfrentam. Os rostos que passam carregam histórias invisíveis, cada pessoa envolta num manto de fragilidade e força simultâneas. Há algo profundamente humano nesses momentos, uma espécie de dança entre a esperança e a resignação. Os olhares cruzam-se, alguns vazios, outros firmes, mas todos falam sem palavras. Afinal, o hospital é também um palco onde o ciclo da vida se desenrola em toda a sua plenitude, ecoando uma lembrança constante da finitude da vida que nos une enquanto seres humanos.

Os pacientes fazem queixas aos acompanhantes no hospital. Sem sorrisos, enfrentam as suas dificuldades em silêncio ou sozinhos. A vida parece esvair-se rapidamente!

Mas nós sabemos pelos ensinamentos da nossa própria vida que esta é efémera, e que a partir do momento em que nascemos, começa o tic tac descendente até ao momento que culmina na morte. É tudo uma questão de tempo, a ceifa virá qualquer dia sem nós esperarmos e aí temos de entender que a nossa hora chegou e devemos estar preparados para isso! Mas como? Lidando com isso, entendendo o que é a morte e a vida, e que estas duas forças gémeas actuam em conjunto para dar mais sentido à nossa existência. Que a partir do momento em que nascemos, temos os dias contados, e que a morte advirá mais cedo ou mais tarde.

Enquanto observo o contínuo movimento à porta do hospital, sinto que há uma espécie de coreografia involuntária na interacção entre profissionais e pacientes. Cada gesto, cada palavra trocada parece compor uma narrativa de cuidado, de esforço em direcção à cura, mesmo que a cura seja por vezes apenas simbólica ou emocional. É impossível ignorar como o ambiente hospitalar transcende o físico, tornando-se um espaço onde as emoções mais profundas vêm à tona.

O hospital não é apenas um lugar de dor, mas também de gestos silenciosos de amor e solidariedade. Um acompanhante ajusta cuidadosamente o cobertor sobre o paciente, um bombeiro troca palavras tranquilizadoras enquanto transporta um doente, e até mesmo um sorriso raro entre enfermeiros parece carregar a promessa de que, mesmo na adversidade, há fragmentos de humanidade que não se perdem. É um lugar onde a vulnerabilidade encontra a resiliência, num equilíbrio que desafia o entendimento racional.

Neste cenário, noto que há uma delicadeza na forma como a vida insiste em persistir, mesmo quando parece estar por um fio. Cada respiração, cada esforço, cada olhar carregado de expectativa nessa luta sublime e ao mesmo tempo cruel que enfrentamos enquanto seres humanos. É como se todas essas interacções, por mais pequenas que sejam, fossem uma celebração silenciosa da vida.

É tudo uma questão de tempo, e, portanto, da mesma forma que a morte faz parte da vida a vida também faz parte da morte. Se nós interiorizarmos esta assunção profundamente, depreendemos que tudo trabalha para o bem e que o *suposto* mal, não é nem mais nem menos, o bem em formação!

2025/06/15

António Ferreira